

Estratégias de anteposição de PPs em construções-Q no português de São Tomé e no português europeu

Rita Gonçalves¹

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract:

This paper aims to compare the strategies of PP-fronting in Santomean Portuguese (STP) and European Portuguese (EP) in different syntactic constructions, namely relative clauses, questions, clefts and pseudoclefts, from the perspective of the *Derivational Complexity Hypothesis* (Jakubowicz, 2004, 2005; Soares 2006). Specifically, we will discuss to what extent the derivational complexity metric proposed can explain the occurrence of pied-piping and chopping in those constructions. We will further analyze the role of (di)transitivization tendency in STP as well as the dichotomy oral-written discourse in both varieties. Data from oral *corpus* as well as an elicitation task will be considered.

Keywords/Palavras-chave: PP-fronting, pied-piping, chopping, complexity, anteposição de PPs, cortadoras,

0. Introdução

O presente trabalho pretende discutir os fatores envolvidos no movimento de constituintes preposicionados (PPs) para a periferia esquerda em diferentes construções sintáticas, na perspectiva da Hipótese da Complexidade Derivacional formulada por Soares (2006), a partir de Jakubowicz (2004, 2005). Muito embora esta hipótese tenha sido adotada na literatura sobretudo no estudo da aquisição de L1 (desenvolvimento típico e atípico), pode ser igualmente aplicada à aquisição de L2, bem como ao processamento da gramática adulta (e.g. Soares 2004, 2006; Jakubowicz & Strik 2008; Jakubowicz 2011; Abalada 2011; Slavkov 2011). Assim, procuraremos verificar de que modo as predições formuladas com base nesta hipótese poderão ser confirmadas/infirmadas por dados de duas variedades do português: o português de São Tomé (PST) que, decorrente de variedades interlinguísticas de aquisição como L2, constitui atualmente a L1 dominante neste país, e o português europeu (PE). Comparar-se-ão, portanto, duas variedades L1 do português, muito embora adquiridas em contextos distintos e cujo processo de aquisição e desenvolvimento está sujeito à influência de fatores linguísticos e extralinguísticos diferentes. O nosso principal objetivo é verificar se a métrica da Hipótese da Complexidade Derivacional, proposta por Jakubowicz (2004, 2005) e ampliada por Soares (2006), permite dar conta das estratégias exibidas nas duas variedades para a anteposição de objetos preposicionados nas diferentes construções sintáticas em estudo, a saber, relativas, interrogativas, clivadas básicas e pseudoclivadas invertidas de *é que*. Além disso, discutiremos em que medida outras variáveis, como a grelha argumental dos verbos ou a dicotomia oralidade/escrita, podem determinar a ocorrência das estratégias *pied-piping* e *cortadora* no PST e no PE.

1. Hipótese da Complexidade Derivacional

Baseada nos pressupostos teóricos de que a operação de *Move* é mais custosa do que a operação de *Merge*, na linha de Chomsky (1995) e trabalhos subsequentes, a Hipótese de Complexidade Derivacional (Jakubowicz 2004, 2005) prediz que, durante o processo de aquisição e desenvolvimento da língua, os sujeitos são sensíveis ao número de vezes que a operação de *Merge* é aplicada (cf. (i)), produzindo primeiro estruturas que envolvem o menor número possível de operações; bem como ao número de constituintes movidos numa derivação (cf. (ii)), produzindo primeiro estruturas que envolvem o movimento de um só constituinte e só posteriormente as que envolvem mais do que um constituinte. Soares (2006) acrescenta à hipótese de Jakubowicz a ideia de que a computação de um núcleo encaixado é mais complexa do que a de um núcleo raiz, pelo que se prediz que as frases simples sejam produzidas primeiro do que as frases encaixadas (cf. (iii)).

- (1) i. *Merge* α_i n vezes dá lugar a uma derivação menos complexa do que *Merge* α_i $(n+1)$ vezes;
ii. *Merge* interno (= *Move*) de α dá lugar a uma derivação menos complexa do que *Merge* interno (= *Move*) de $\alpha+\beta$;
iii. A computação de um núcleo encaixado é mais complexa do que a de um núcleo raiz.

(Soares 2006:254)

¹ Investigação realizada no âmbito do projeto BD/73839/2010 financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Os estudos baseados na Hipótese da Complexidade Derivacional têm sido desenvolvidos essencialmente sobre a aquisição de L1 (desenvolvimento típico e atípico). Especificamente, Soares (2006), sobre a aquisição de estruturas que envolvem movimento para a periferia esquerda, conclui que estas emergem tão mais tarde quanto mais complexas forem. Por exemplo, das estruturas que envolvem o movimento de um constituinte para a periferia esquerda, as interrogativas são as primeiras a serem produzidas pelas crianças. Porém, a interrogativa-Q encaixada emerge mais tarde do que a interrogativa-Q raiz. Do mesmo modo, não só as construções de clivagem emergem mais tarde do que as interrogativas, como a sua ordem de aquisição não é a mesma; a clivada canónica emerge depois da pseudoclivada invertida de *é que* (Lobo, Santos e Soares 2012). Contra Costa & Duarte (2001), cuja proposta é a de que as estruturas de clivagem têm a mesma estrutura sintática subjacente, estes dados de aquisição sustentam uma análise de acordo com a qual as clivadas canónicas são bi-oracionais, ao passo que as pseudoclivadas invertidas de *é que* são mono-oracionais (cf. Soares 2006; Lobo 2006; Lobo, Santos & Soares 2012). Por sua vez, as interrogativas-Q com *é que* e as pseudoclivadas invertidas de *é que*, por apresentarem o mesmo nível de complexidade – i.e., a forma fixa *é que* lexicaliza o núcleo funcional C e o constituinte movido ocupa a posição de Spec/CP – são produzidas num mesmo estádio de aquisição (Soares 2006).

Associado à complexidade da operação de *Merge* e/ou de *Move*, no processo de aquisição das relativas e das interrogativas (bem como das clivadas que envolvem um morfema-Q), está o conhecimento dos morfemas-Q. Guasti & Cardinaletti (2003), sobre a aquisição de relativas no italiano e no francês L1, referem que a estratégia de *pied-piping* está associada ao processo de escolarização, pois esta implica a aprendizagem formal de morfemas-Q; como tal, a sua aquisição em L1 pressupõe as mesmas dificuldades que em L2. Do mesmo modo, Duarte (2011) considera que o *pied-piping* é uma estratégia de aquisição tardia. Na verdade, os resultados dos estudos desenvolvidos por Fontes (2008) e Valente (2008), sobre a produção de relativas em português por sujeitos em idade escolar, mostram que a maior aceitabilidade e produção da estratégia de *pied-piping* é percentualmente mais baixa nos alunos do final do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico e mais elevada nos alunos no final do 3.º ciclo e secundário. Apesar de estes dados apontarem para a convergência gradual com a gramática adulta do PE, sob efeito da aprendizagem formal, mostram que a estratégia cortadora (e a resuntiva) continua disponível mesmo nos níveis mais avançados da escolarização. Do mesmo modo, diferentes outros estudos têm atestado a coocorrência da estratégia de *pied-piping* com estratégias ditas não canónicas (cortadora e resuntiva) na oralidade e na escrita, mesmo na gramática adulta (e.g. Peres & Mória 1995; Alexandre 2000; Arim *et al.* 2005). Para Duarte (2011), a coocorrência destas estratégias tem na base a existência de duas diferentes especificações para o núcleo C das relativas: (i) aquele que permite a derivação das relativas cortadoras, das relativas resuntivas e das relativas canónicas com DPs; e (ii) aquele que permite a derivação de relativas com pronomes relativos e *pied-piping* de preposição. Em contextos de oralidade, e dependendo do grau de formalidade da situação, os falantes optam por um dos dois núcleos. A maior ocorrência da estratégia canónica na escrita, comparativamente à oralidade, prende-se com o facto de, nesse contexto, ser selecionado o núcleo C responsável pela derivação das relativas preposicionadas. A escolha de cada um desses núcleos parece estar, portanto, dependente da variação entre o modo oral e o modo escrito. Por outro lado, a estratégia resuntiva sobrevive apenas em contextos de ilhas ou de estruturas de processamento pesado, devido à distância entre o operador relativo e a posição interna à oração relativa a ele associada.²

2. Hipóteses de trabalho

Tendo em conta estes pressupostos teóricos, e considerando as estruturas sintáticas em análise, formulam-se as seguintes hipóteses para o presente trabalho:

Hipótese 1. O movimento de objetos preposicionados em relativas e em interrogativas é mais problemático do que o movimento de objetos preposicionados em construções de clivagem – por aquelas estar envolvido um morfema-Q – tanto no PST como no PE.

Na base da formulação desta primeira hipótese está a conjugação da Hipótese da Complexidade Derivacional com o resultado de estudos sobre a aquisição de relativas e interrogativas nas línguas românicas (e.g. Fontes 2008, Valente 2008, Cerejeira 2009; Costa *et al.* 2014). Assumindo que (i) as estratégias que envolvem a extração de constituintes para a periferia esquerda podem ser mais ou menos custosas, dependendo de envolverem a operação de *Move*, no caso do *pied-piping*, ou a operação de *Merge*, no caso da cortadora; e que (ii) a produção da estratégia de *pied-piping* em relativas e em interrogativas implica a aprendizagem formal dos morfemas-Q, distintamente da estratégia de *pied-piping* em clivadas básicas e pseudoclivadas invertidas de *é que*, que envolve ‘apenas’ o movimento do constituinte para Spec/CP (CP encaixado no caso das clivadas básicas e CP matriz no caso das pseudoclivadas invertidas de *é que*), espera-se que seja registado um maior

² Para a derivação das relativas, seguiremos, neste trabalho, a análise de elevação proposta por Bianchi (1999, 2002), a partir de Kayne (1999).

número de ocorrências da estratégia cortadora em relativas e em interrogativas do que em clivadas básicas e em pseudoclivadas invertidas de *é que*.

Hipótese 2. O movimento de objetos preposicionados em clivadas básicas é mais problemático do que o movimento de objetos preposicionados em pseudoclivadas invertidas de *é que* – por as primeiras serem estruturas mais complexas do que as segundas – tanto no PST como no PE.

A nossa segunda hipótese de trabalho tem subjacente a cláusula acrescentada por Soares (2006) à Hipótese da Complexidade Derivacional de Jakubowicz (2004, 2005) para o tratamento de estruturas que envolvem a periferia esquerda da frase. Assumindo que a computação de um núcleo encaixado é mais complexa do que a de um núcleo raiz, prediz-se que possam ocorrer mais cortadoras em clivadas básicas, estruturas bi-oracionais, do que em pseudoclivadas invertidas de *é que*, estruturas mono-oracionais.

Hipótese 3. A ocorrência de objetos não preposicionados está relacionada com a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos no PST, mas não no PE.

Klein (1991), no seu estudo sobre a aquisição de *pied-piping* e de *preposition stranding* em inglês L2, mostrou que o conhecimento das grelhas argumentais dos verbos, bem como das preposições que com estes se combinam, pode influenciar a produção das estratégias que envolvem a extração de PPs. Ora, no PST regista-se uma tendência para a (di)transitivização direta, *i.e.* alguns verbos/classes verbais tendem a subcategorizar DPs (ou NPs) quando os mesmos verbos no PE subcategorizam PPs (e.g. Gonçalves 2010). Neste sentido, a nossa terceira hipótese de trabalho prediz que a ocorrência de objetos não preposicionados nas estruturas que envolvem a extração de constituintes para a periferia esquerda da frase no PST possa ser observada com os mesmos verbos cuja grelha argumental está em variação/mudança. Tendo em conta que a mesma mudança nas propriedades de subcategorização verbal não parece ter lugar no PE, assume-se que a ocorrência de cortadoras nesta variedade não é condicionada por esta variável (e.g. Brito 1995).

Hipótese 4: A ocorrência de objetos não preposicionados é particularmente registada no oral espontâneo, tanto no PST como no PE.

A nossa quarta e última hipótese de trabalho assenta na relação entre a dicotomia oralidade/escrita e a produção de cortadoras. Tendo em conta que na oralidade são tipicamente preferidas estruturas menos complexas, *i.e.* que envolvem a operação de *Merge* em detrimento de *Move* (e.g. Duarte 2011), prediz-se que a ocorrência da estratégia cortadora (i) não seja superior à da estratégia de *pied-piping* na tarefa de produção escrita; e (ii) seja inferior à registada em *corpora* de produção oral espontânea.

3. Dados

Este estudo tem por base uma tarefa de produção induzida aplicada a 40 informantes do PST, alunos do Instituto Superior Politécnico de São Tomé e Príncipe (2011)³, e a 40 informantes do PE, alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2014).

Para o presente trabalho foram previamente considerados dados do *corpus* de produção oral espontânea do PST, recolhido em 2008 e 2011 no âmbito do projeto Variedades Africanas do Português (VAPOR) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O *corpus* é composto por cerca de 280.000 palavras transcritas (correspondentes a 35 horas de gravação), distribuídas por entrevistas a 65 informantes, com escolarização entre o 4.º ano e a licenciatura, com idades compreendidas entre os 18 e os 71 anos, numa média de 37 anos de idade. Todos os informantes são falantes do português oral urbano, tendo as entrevistas sido realizadas na cidade de São Tomé e em bairros periféricos. Os dados de produção oral espontânea referentes ao PE considerados neste estudo são os resultantes de trabalhos anteriormente realizados, designadamente por Alexandre (2000) e Arim *et al.* (2005).

Embora o *corpus* de dados orais seja composto por produções de informantes com diferentes níveis de escolaridade, do 1.º ciclo do ensino básico ao ensino superior, a produção elicitada foi solicitada apenas a informantes que, à data, frequentavam o ensino superior. A eliciação de dados junto deste público permite verificar, de entre as estratégias de anteposição de PPs atestadas no *corpus* oral, quais as preferidas pelos informantes mais escolarizados. Ao mesmo tempo, permite verificar quais as estratégias que resistem ao efeito da escolarização e que, por isso mesmo, constituem características da variedade são-tomense.

³ Desde 2014, Universidade Pública de São Tomé e Príncipe (UPSTP).

4. Corpora

Até à data, os estudos realizados sobre os mecanismos de extração de PPs em estruturas sintáticas que envolvem a periferia esquerda da frase tanto no PST como no PE centraram-se maioritariamente em relativas. Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer (2011) e Alexandre & Hagemeijer (2013) observaram que, no conjunto das relativas restritivas produzidas em *subcorpora* do PST (VAPOR), as estratégias de *pied-piping* e cortadora são dominantes, não obstante coexistam com as estratégias resuntiva e cópia defetiva. Neste sentido, procedemos à pesquisa no *corpus* do PST pelas estratégias de extração de objetos preposicionados nas quatro estruturas sintáticas em análise, no sentido de verificar se esses dados são transversais a diferentes estruturas que envolvem a periferia esquerda da frase.

A Tabela 1 apresenta a distribuição, em valores absolutos, da produção das estratégias de anteposição de objetos preposicionados, por construção sintática.

Tabela 1. Distribuição das estratégias de anteposição de objetos preposicionados por estrutura sintática no PST.

	<i>Pied-piping</i> (arg)	Cortadora (arg)	Resuntiva (arg + adj) ⁴	Cópia defetiva (arg + adj)	TOTAL
REL	31	50	5 (+9)	6 (+9)	101
INT	1	0	0	0	1
CLIV	0	2	0	0	2
PSC	1	2	0	0	3
TOTAL	33	54	5 (+9)	6 (+9)	107

Estes dados ilustram um claro contraste entre a produção de interrogativas, clivadas básicas e pseudoclivadas invertidas de *é que* por um lado, e a produção de relativas, por outro. Na verdade, a produção daquelas quando envolvido um PP é apenas residual no *corpus* (cf. (1-3)).⁵ No âmbito das relativas, os dados evidenciam a preferência pela estratégia cortadora (cf. (4.a-b) vs. (4.c-d)), a qual é ainda mais acentuada se considerarmos que, no conjunto das ocorrências de *pied-piping*, 21 (*i.e.* 71%) envolvem um morfema-Q inerentemente preposicionado, *onde* (4.e-f)).

- (1) Esse curso me ajudou a (...) descobrir quem sou, [para onde é que vou].
- (2) a. [Com amigos de fora] é que partilhamos.
b. [Ø *Sítio perto*] é que dá para eu poder ir.
- (3) a. Faz um mês, oito dias que a pessoa morreu, [é Ø *isso* que chama-se missa de defunto].
b. É só Ø *isso* que nós trabalhamos na parte de Manutenção Industrial.
- (4) a. Há palestras, [em que, as mulheres podem participar].
b. Tem o grupo do tchiloli formiguinha de Boa Morte, [do qual, faço parte].
c. Eu não sei se é a humildade da nossa pobreza, a humildade, [Ø *que*, a nossa pobreza nos levou], mas mesmo a troco zero os são-tomenses querem sempre ser amigos, *isso* é verdade.
d. Um jogo, [Ø *que*, eles gostam bastante] é o jogo do carteiro.
e. Indisciplina dos alunos, portanto, não depende só de meio, [onde ele está inserido], condições financeira ou económica, mas também a culpa em particular.

⁴ A indicação de (+8) na tabela não está relacionada com a difença entre argumentos e adjuntos, mas com o facto de estes contextos serem ambíguos entre estratégia resuntiva e cópia defetiva, uma vez que o antecedente da relativa é masculino singular.

(i) Agora estou com outro senhor, [que não tenho filho com ele].

(ii) Agora esse [jardim de infância], [que ele está nele; aqui no Riboque] a gente paga agora duzentas mil dobra.

⁵ A possibilidade de a ocorrência residual de interrogativas, clivadas básicas e pseudoclivadas invertidas de *é que* de PP estar relacionada com a inexistência destas construções no PST é invalidada, uma vez que estas são amplamente difundidas no *corpus*, quando envolvidos argumentos nominais, sujeito e OD, ou adjuntos. O mesmo se regista no PE, no âmbito das construções de clivagem: num total de 81 ocorrências de clivagem de argumentos internos, apenas 16, *i.e.* 3%, são de OI e OBL (cf. Lobo, Santos & Soares 2012).

(i) a. O que é que vocês vão fazer depois de ter todo esse conhecimento de línguas?

b. São Tomé não tem empresa, como é que pode-se criar posto de trabalho?

(ii) a. Foi o meu patrão que escolheu.

c. É mais isso que a gente vê.

d. É exatamente por causa disso que agora temos uma sociedade difícil de manejar.

(iii) a. Eles é que estão lá a dedicar.

b. O hospital onde eu nasci é que me mostraram.

c. Dois anos e seis meses é que fiquei lá.

- f. Primeiro ponto_i [**onde**_i eu morei] é Água Porca.

Além disso, regista-se que, não só as estratégias de *pied-piping* e cortadora são as mais frequentes, como as estratégias de resunção e cópia defetiva parecem estar restritas às relativas e maioritariamente a adjuntos.⁶ Veja-se que, no conjunto das ocorrências da estratégia resuntiva e de cópia defetiva, se registam apenas dois contextos argumentais (cf. (5-6.a)).

- (5) a. É uma escola_i [**que** vai-se **lá**_i] (...) e a pessoa quando sai passa um exame de condução.
b. Eu nunca tive assim bisavós ou avós_i [**que** eu tivesse vivido **com eles**_i] para aprender aquelas línguas assim antigas.
- (6) a. Praia_i [**que** é onde os pescadores vivem **nele**_i].
b. A moça_i [**que** eu vivo **com ele**_i (...)] nesse momento ela não trabalha.

Relativamente ao PE, diferentes estudos têm mostrado que a estratégia canónica de *pied-piping* coexiste com as estratégias cortadora e resuntiva. De acordo com os dados apresentados por Alexandre (2000), a partir do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), a primeira é claramente a estratégia dominante, o que contrasta com o PST. Por outro lado, tal como na variedade são-tomense, a estratégia cortadora ocorre em maior número do que a estratégia resuntiva. Como vimos, a frequência destas estratégias em (variedades do) português (e noutras línguas) parece ser condicionada pela variável nível de escolarização e/ou pela variação entre registo oral e registo escrito, estando igualmente relacionada com o conhecimento dos morfemas-Q. Veja-se que tanto a estratégia cortadora como a estratégia resuntiva envolvem um complementador *que* e não um morfema-Q.

Uma vez que os dados extraídos do *corpus* do PST não nos permitem analisar as estratégias de anteposição de objetos preposicionados nas diferentes construções sintáticas em estudo, desenhou-se e aplicou-se uma tarefa de produção induzida, que descreveremos em seguida.

5. Tarefa de produção

5.1. Procedimentos de recolha e tratamento dos dados

Com a tarefa de produção induzida procurou-se verificar quais as estratégias usadas pelos informantes para a extração de objetos preposicionados (PPs) nas diferentes construções-Q (relativas, interrogativas, clivadas básicas e pseudoclivadas invertidas de *é que*). Para tal foram considerados 12 verbos com argumento interno preposicionado frequentes nos *corpora* do PST e do PE, a saber, *dar*, *dizer*, *assistir*, *ir*, *concordar*, *falar*, *gostar*, *precisar*, *pensar*, *pôr*, *contribuir* e *voltar*, sendo que cada dois verbos subcategoriza um argumento introduzido pelas preposições *a*, *com*, *de*, *em* e *para*. A preposição *a* encontra-se associada a dois pares de verbos, uma vez que está envolvida tanto em argumentos com a função gramatical de objeto indireto como de oblíquo. Subjacente à escolha destas preposições está o facto de serem as mais frequentes nas duas variedades do português. Além disso, o mesmo conjunto de cinco preposições já havia sido analisado em investigação precedente sobre a estrutura argumental dos verbos no PST (cf. Gonçalves, 2010).

Na tarefa de produção, foi pedido aos sujeitos que reescrevessem frases-estímulo, completando o espaço deixado em branco em cada uma das frases-alvo. Os itens foram organizados aleatoriamente, tendo-se procurado evitar a sequência de duas ou mais frases com o mesmo verbo ou com a mesma estrutura sintática. Juntamente com a instrução para a resolução da tarefa, foi dado um exemplo da resposta esperada em cada uma das construções sintáticas testadas. Utilizaram-se, neste caso, verbos que selecionam argumentos com a relação gramatical de objeto direto, no sentido de não determinar a presença obrigatória da preposição. Porém, julgou-se apropriado incluir pelo menos um verbo que seleciona um argumento preposicionado (OI), com o objetivo de controlar a não generalização do juízo inverso. Não foram incluídos nesta tarefa distratores, tendo-se considerado, na linha de Gass & Mackey (2011:88), que o facto de serem testadas diferentes estruturas sintáticas permitiu que uma funcionasse como distratora da outra. Apresenta-se, em seguida, um conjunto de itens

⁶ Paralelamente, o *corpus* ilustra igualmente a ocorrência de uma pseudoclivada básica com foco informacional no DP envolvendo a estratégia de cópia defetiva, bem como uma relativa com *é que* resuntiva. Além disso, veja-se que o PST exibe a possibilidade de o núcleo funcional C° ser preenchido por *que/é que* em construções-Q e de clivagem, podendo coocorrer em relativas com os morfemas *quem* e *onde* (cf. Gonçalves 2013).

(i) Quem que relaciona mais com ele é a colega_i [**que** eu trabalho **com ele**_i].
(ii) Vamos fazer também estágios nas empresa_i [**onde** lá_i ainda é que ganhamos mais conhecimentos].

exemplificativos das construções testadas; inclui-se, em itálico, a resposta esperada, de acordo com a estratégia de *pied-piping* para a anteposição de PPs.⁷

- (7) a. Estímulo: Todos os empregados falaram com o patrão.
Resposta esperada: Este é o patrão com quem todos os empregados falaram.
b. Estímulo: Os meninos disseram a verdade aos professores.
Resposta esperada: A quem é que os meninos disseram a verdade?
c. Estímulo: Todos deram os presentes à família.
Resposta esperada: Foi à família que todos deram os presentes.
d. Estímulo: As mães puseram os filhos na escola.
Resposta esperada: Na escola é que as mães puseram os filhos.

Uma vez aplicada a tarefa, os resultados foram transcritos e codificados. Do conjunto das frases obtidas para cada uma das construções-Q, distinguiu-se entre aquelas que correspondem à estrutura-alvo e aquelas em que foi produzida uma estrutura distinta da resposta-alvo, independentemente de estas serem gramaticais ou agramaticais (codificadas como *Outra*).

No que concerne às respostas-alvo, também se distinguiu entre aquelas que envolvem a estratégia de *pied-piping* e aquelas em que foi usada a estratégia cortadora (codificadas como *pied-piping* e cortadora, respetivamente). Foram obtidas, e aceites, diferentes respostas que envolvem a estratégia de *pied-piping*, a saber: (i) aquelas em que a mesma preposição que introduz o PP na frase-estímulo é movida juntamente com o morfema-Q variável/invariável (cf. (8.a)), podendo este, no caso das interrogativas, ser simples (morfema-Q) ou complexo (morfema-Q +N) (e.g. Ambar 1992), *i.e.* não *D-linked* ou *D-linked*, na terminologia de Pesetsky (1987) (cf. (8.b)); (ii) aquelas em que é usada uma preposição distinta da que introduz o PP na frase-estímulo (cf. (8.c))⁸; e (iii) aquelas em que é usada a mesma/outra preposição, considerando o PP na frase-estímulo, e um morfema-Q variável/invariável sem traços- ϕ de concordância (cf. (8.d)).

- (8) a. Estímulo: As raparigas põem os pratos na mesa.
Resposta(s) obtida(s): Esta é a mesa na qual/ em que/ onde as raparigas põem os pratos.⁹
b. Estímulo: Os políticos não falam com o povo.
Resposta obtida: Com quem/com que povo é que os políticos não falam?
c. Estímulo: Alguns amigos voltaram para o Príncipe.
Resposta(s) obtida(s): Foi no/ao Príncipe que alguns amigos voltaram.
d. Estímulo: O comerciante concordou com os clientes.
Resposta obtida: Estes são os clientes com que o comerciante concordou.

Do mesmo modo, foram obtidas, e aceites, diferentes respostas que envolvem a estratégia cortadora, a saber: (i) aquelas em que, no caso das construções de clivagem, é movido um NP e não um PP (cf. (9.a)); (ii) aquelas em que, no caso das relativas, além do corte da preposição, é usado o complementador *que* em detrimento do morfema-Q variável/invariável (cf. (9.b)); (iii) aquelas em que, no caso das interrogativas, não obstante o corte da preposição, é usado um morfema-Q variável/invariável simples ou complexo (morfema-Q +N), *i.e.* não *D-linked* ou *D-linked* (cf. (9.c-d)).

⁷ O facto de ter sido solicitado aos informantes que preenchessem o espaço deixado em branco, assinalado em (7) com o sublinhado, impediu que os informantes usassem uma estratégia diferente das de *pied-piping* ou cortadora, designadamente as estratégias resuntiva e de cópia defetiva. Exceptuam-se as relativas, nas quais os informantes deviam produzir toda a oração relativa. No entanto, não obstante estas estratégias serem atestadas em *corpora* (a estratégia de cópia defetiva apenas no PST), especificamente em relativas (cf. §3), não foram produzidas na tarefa de eliciação em nenhum dos grupos de informantes.

⁸ O uso de uma preposição diferente da usada na frase-estímulo é mais frequente no PST (55) do que no PE (34).

⁹ Os contextos em que, em vez de um morfema-Q preposicionado, foi usado o morfema-Q *onde*, também foram contabilizados como *pied-piping*, admitindo que *onde* é um morfema-Q inerentemente preposicionado ao qual está associado o traço sintático-semântico [+Locativo], manifestando Caso oblíquo. Especificamente, no total das ocorrências de *pied-piping* com o verbo *pôr* no PST, 2/9, *i.e.* 22% envolveram o morfema simples *onde*; no PE, 19/34, *i.e.* 56% envolveram o morfema simples *onde*. Porém, tal foi assumido apenas nos contextos em que *onde* é substituível por *em que/no qual*, *i.e.* quando o argumento é subcategorizado pelo verbo *pôr*. A ocorrência do morfema-Q *onde* em construções que envolviam a extração de um PP subcategorizado pelos verbos *ir* ou *voltar* foi classificada como *cortadora*, uma vez que, quando não é inerentemente preposicionado, *onde* é substituível por *que/a qual* precedido de uma preposição diferente de *em*, neste caso *a* ou *para* (e.g. Mória 1992; Alexandre 2000). Não obstante esta opção normativa, reconhecemos que também no PE oral é possível encontrar contextos em que a forma intrinsecamente preposicionada ocorre desnecessariamente com preposição (cf. (i)); e contextos em que a preposição é cortada (cf. (ii)) (Mória 1992:127-128).

(i) Estou aonde quero estar. (em vez de *Estou onde quero estar*).

(ii) Vou onde quero ir (em vez de *Vou aonde quero ir*).

- (9) a. Estímulo: As mulheres pensam muito no trabalho.
Resposta obtida: O trabalho é que as mulheres pensam muito.
- b. Estímulo: Os rapazes assistiram a um filme americano.
Resposta obtida: Este é o filme americano que os rapazes assistiram.
- c. Estímulo: Os políticos não falam com o povo.
Resposta obtida: Quem é que os políticos não falam?
- d. Estímulo: Os turistas gostam muito daquela zona.
Resposta obtida: Que zona é que os turistas gostam muito?

Em (10) apresentam-se algumas das respostas mais frequentes obtidas em detrimento das respostas-alvo, a saber, (i) relativas de sujeito/objeto em vez de relativa de PP (cf. (10.a)); (ii) clivada mista ou pseudoclivada invertida de *é que* em vez de interrogativa-Q de PP, numa estrutura em que o foco informacional é interpretado como foco contrastivo (cf. (10.b))¹⁰; (iii) relativa de PP em vez de clivada básica de PP (cf. (10.c)); e (iv) interrogativa-Q de PP em vez de pseudoclivada invertida de *é que*, não obstante a frase para completar ser do tipo declarativo e não interrogativo (cf. (10.d));

- (10) a. Estímulo: Elas pensaram num negócio.
Resposta(s) obtida(s): Este é o negócio que foi pensado por elas.
- b. Estímulo: Os hotéis precisam de mais empregadas.
Resposta(s) obtida(s): (É) de mais empregadas é que os hotéis precisam.
- c. Estímulo: Todos concordam com a tua ideia.
Resposta obtida: É a ideia com que todos concordam.
- d. Estímulo: Todos foram ao mercado no sábado.
Resposta obtida: (A) onde é que todos foram no sábado.

5.2. Resultados

5.2.1 Resultados por estrutura sintática (PST vs. PE)

A Tabela 2 apresenta a distribuição, em percentagem e em valores absolutos, da produção das estratégias de *pied-piping* e cortadora, bem como da produção de uma resposta diferente da esperada (*i.e.* Outra) no PST e no PE, por construção sintática.¹¹

Tabela 2. Distribuição das estratégias de anteposição de objetos (preposicionados) por estrutura sintática.

	PST			PE		
	<i>Pied-piping</i>	Cortadora	Outra	<i>Pied-piping</i>	Cortadora	Outra
REL	19% (89/480)	76% (367/480)	3% (14/480)	76% (366/480)	22% (107/480)	1% (4/480)
INT	34% (164/480)	38% (183/480)	26% (124/480)	89% (429/480)	3% (14/480)	26% (35/480)
CLIV	82% (395/480)	15% (70/480)	3% (13/480)	96% (463/480)	1% (7/480)	3% (10/480)
PSC	89% (427/480)	9% (42/480)	2% (10/480)	94% (449/480)	1% (3/480)	2% (28/480)

A análise da tabela permite fazer as seguintes observações: a) o PST exibe predomínio da estratégia cortadora em relativas, contrariamente ao predomínio da estratégia *pied-piping* em construções de clivagem; b) o PE exibe predomínio da estratégia de *pied-piping* em todas as construções-Q, muito embora se registre igualmente a ocorrência da estratégia cortadora em relativas; c) as duas variedades exibem uma maior produção da estratégia de *pied-piping* em construções de clivagem. No caso do PST, não há predomínio de uma estratégia sobre a outra em interrogativas; regista-se a variação entre as estratégias de *pied-piping* e cortadora bem como a produção de uma estrutura diferente da esperada, tipicamente clivadas mistas ou pseudoclivadas invertidas de *é*

¹⁰ Ainda que a estratégia de clivagem mista seja relativamente frequente no *corpus* do PST e no PE coloquial (cf. Casteleiro 1979; Costa & Lobo 2009; Vercauteren 2010; Gonçalves 2013), tipicamente não ocorre no português europeu padrão em interrogativas. Sintaticamente, as interrogativas sim/não não apresentam nenhuma alteração sintática comparativamente às declarativas correspondentes, distinguindo-se destas apenas pela curva de entoação prosódica (cf. Mateus *et al.* 2003:461-463).

¹¹ Os valores remanescentes corresponde à ausência de resposta.

que (80% i.e. 99/124), as quais, por sua vez, também ocorrem preferencialmente com a estratégia de *pied-piping* (82% vs. 18% da estratégia cortadora) (cf. (10.b)).

Costa *et al.* (2014) também observaram a produção de respostas não-alvo na eliciação de construções-Q, designadamente relativas de objeto (preposicionado e não preposicionado). Os autores registam que as produções das crianças exibem um elevado número de frases agramaticais em contextos de relativas de objeto DP/PP, em contraste com a ausência de frases agramaticais em contextos de relativas de sujeito.¹² Porém, as crianças parecem tratar de igual forma as relativas de DP e de PP. A única diferença entre estas é a (possibilidade de) existência de cortadoras nas últimas. Tendo em conta que a estratégia cortadora é atestada mesmo em produções de sujeitos num estágio de desenvolvimento no qual já não são verificados problemas na produção de relativas de objeto não preposicionado (e.g. Valente 2008; Fontes 2008) e mesmo na gramática adulta (e.g. Peres e Móia 1995; Alexandre 2000; Arim *et al.* 2005), Costa *et al.* (2014:27) concluem que a ocorrência da estratégia cortadora não está relacionada com fatores de intervenção e se trata de um “erro” independente: “a chopping relative clause would be like an object relative clause with the deletion of the relevant preposition”.

Consideramos, no entanto, que, no caso do PST, o facto de os informantes terem dado mais respostas não-alvo em interrogativas do que nas restantes construções sintáticas em análise parece ser mais dependente da ambiguidade da frase dada para completamento do que do facto de o constituinte a extrair ser um objeto. Na verdade, a percentagem de produção de uma resposta não-alvo nas restantes estruturas sintáticas, inclusivamente em relativas, é baixa (3%). Uma vez que a frase dada para completamento envolvia a sequência *é que*¹³, e que este morfema pode ocorrer tanto em interrogativas como em pseudoclivadas invertidas de *é que*, os informantes optaram por produzir uma estrutura menos custosa em termos derivacionais, ignorando a entoação prosódica sugerida pela marca de pontuação. Apesar de serem estruturalmente semelhantes, uma vez que em ambas a forma fixa *é que* lexicaliza o núcleo funcional C e o constituinte movido ocupa a posição de Spec/CP, a derivação das pseudoclivadas invertidas de *é que* não implica a mobilização dos morfemas-Q. Do mesmo modo se pode justificar que, em vez de interrogativas-Q, os informantes tenham produzido clivadas mistas, porém em menor número (88 pseudoclivadas invertidas de *é que* vs. 11 clivadas mistas, em números absolutos). Não obstante se considere que as pseudoclivadas invertidas de *é que* são mono-oracionais e que as restantes clivadas são bi-oracionais, por consequência mais complexas, os informantes do PST parecem preferir a produção de clivadas mistas do que de interrogativas, não obstante envolverem uma operação mais custosa em termos derivacionais. Voltaremos a esta questão na secção 6.

Estes dados permitem confirmar a hipótese 1, de acordo com a qual o movimento de objetos preposicionados em relativas e em interrogativas é mais problemático do que o movimento de objetos preposicionados em construções de clivagem, por naquelas estar envolvido um morfema-Q. Na verdade, assumindo que a produção da estratégia cortadora está dependente do conhecimento e da mobilização dos morfemas-Q (e.g. Guasti 2002; Duarte 2011), esperava-se que a sua ocorrência fosse mais expressiva em relativas e interrogativas, as quais envolvem um morfema-Q, o que, na verdade, se confirmou, pelo menos para o PE. Porém, como dar conta da maior ocorrência da estratégia cortadora em relativas do que em interrogativas nas duas variedades, sendo que ambas envolvem o movimento de um morfema-Q preposicionado? A análise das frases obtidas com a estratégia cortadora nas duas construções, particularmente do elemento que as introduz, poderá dar resposta a esta questão (cf. (§5.2.2.)).

Por outro lado, os dados parecem infirmar a nossa segunda hipótese de trabalho, de acordo com a qual se esperava uma diferença de desempenho no movimento de objetos preposicionados em clivadas básicas e em pseudoclivadas invertidas de *é que*. Não obstante as primeiras serem estruturas mais complexas do que as segundas, os resultados das duas construções de clivagem são equivalentes; os informantes usam a estratégia de *pied-piping* em ambas.

5.2.2 Resultados por estratégia cortadora (PST vs. PE)

No sentido de perceber o que está na base da maior ocorrência da estratégia cortadora em relativas do que em interrogativas, a tabela seguinte apresenta a distribuição do complementador *que* e/ou de um morfema-Q (simples ou complexo) nas estruturas sintáticas em questão, nas duas variedades.

¹² A existência de uma assimetria no tratamento das relativas de sujeito e das relativas de objeto é justificada com efeitos de intervenção de um NP (sujeito) entre o objeto extraído e o traço deixado no local de extração (e.g. Friedmann, Belletti & Rizzi 2009).

¹³ Admite-se aqui que *é que* é um morfema fixo, resultante de uma gramaticalização da cópula *ser* + complementador, que lexicaliza o núcleo de C (e.g. Costa e Duarte 2001), tanto nas interrogativas como nas pseudoclivadas invertidas de *é que*. Segue-se a análise de acordo com a qual as pseudoclivadas invertidas de *é que* são frases simples – estruturas mono-oracionais, nas quais, ao contrário das restantes clivadas, *ser* não projeta uma categoria TP, e que, por isso são de mais fácil aquisição, emergindo mais cedo (e.g. Soares 2006; Lobo 2006; Lobo, Santos e Soares 2012).

Tabela 3. Distribuição do complementador *que* e/ou de um morfema-Q (simples/complexo) em relativas e interrogativas.

	PST			PE		
	COMP	Morfema-Q	Morfema-Q+N	COMP	Morfema-Q	Morfema-Q+N
REL	98% (358/367)	2% (9/367)	——	97% (104/107)	3% (3/107)	——
INT	——	66% (121/183)	34% (62/183)	——	14% (2/14)	86% (12/14)

A análise da Tabela 3 permite verificar o seguinte: a) tanto no PST como no PE, a estratégia cortadora em relativas envolve quase categoricamente o uso do complementador *que* em detrimento de um morfema-Q;¹⁴ b) nas interrogativas do PST, há variação entre a estratégia cortadora com morfema-Q simples ou morfema-Q complexo; no PE, a estratégia cortadora na mesma estrutura sintática envolve maioritariamente um morfema-Q complexo (morfema-Q + Nome). Estes valores percentuais devem ser, no entanto, interpretados com cautela, uma vez que o índice de ocorrência da estratégia cortadora em interrogativas do PE é muito baixo. Veja-se que, ao passo que no PST os valores percentuais correspondem à produção de 183 interrogativas cortadoras, no PE, se referem apenas à produção de 14 interrogativas cortadoras, num total de 480 possíveis.

Embora as duas variedades exibam interrogativas cortadoras com morfemas-Q não preposicionados, no PST estas são maioritariamente não *D-linked*, ao passo que no PE são quase exclusivamente *D-linked*. Retomando novamente questões de intervenção, o movimento-Q é mais difícil de produzir (e de compreender) se estiverem envolvidos dois constituintes estruturalmente semelhantes (e.g. Friedmann *et al.* 2009; Cerejeira 2009; Costa *et al.* 2012). Diferentes estudos têm mostrado que as crianças produzem (e compreendem) melhor interrogativas de objeto com o morfema *who* (não *D-linked*) do que com o morfema *which* (+N) (*D-linked*). Esta diferença de desempenho deve-se ao facto de, no caso de *which* (+N), tanto o constituinte movido como o constituinte interveniente serem lexicalmente restritos, ou seja, conterem um NP realizado.¹⁵ Resultados semelhantes são igualmente atestados na produção de interrogativas *D-linked* e não *D-linked* por adultos (e.g. De Vicenzi 1991). Assumindo assim, como referimos acima, que as relativas de objeto não preposicionado e as relativas de objeto preposicionado são distintas apenas na existência de uma preposição nas últimas, pode considerar-se que a preferência por interrogativas não *D-linked* no PST possa estar relacionada com a partilha das mesmas propriedades lexicais pelo constituinte interveniente e pelo constituinte movido, especificamente a existência de um NP. Um argumento a favor desta justificação para a preferência por interrogativas com morfema-Q simples é a existência, mesmo nas interrogativas com *pied-piping* produzidas pelos informantes do PST, de um maior número de interrogativas não *D-linked* (70%, i.e. 114/164) do que de interrogativas *D-linked* (30%, i.e. 50/164). Mais ainda, se considerarmos apenas as interrogativas *D-linked* produzidas espontaneamente pelos informantes, excluindo aquelas em que os informantes eram levados a produzir necessariamente interrogativas com morfema-Q complexo, uma vez que o nome já era dado (34/50, em números absolutos), então, o índice de produção de interrogativas não *D-linked* é ainda mais elevado (88%, i.e. 16/130). Nestes casos, a existência de uma preposição não parece afetar a preferência pelas interrogativas não *D-linked*, constituindo um argumento adicional à indistinção estrutural entre as relativas/interrogativas de objeto NP e PP.

5.2.3 Resultados por preposição envolvida (PST vs. PE)

Diversos estudos têm mostrado que a ocorrência da estratégia cortadora está dependente de diferentes variáveis, entre as quais o tipo de preposição envolvida. A tabela seguinte ilustra a distribuição das estratégias de *pied-piping* e cortadora por preposição, no sentido de verificar, se, de entre as cinco preposições consideradas, as duas variedades exibem a mesma tendência, designadamente a de cortar preposições tipicamente vazias de conteúdo semântico, i.e. marcadoras de Caso, e a de preservar preposições com conteúdo lexical.

¹⁴ Das ocorrências de relativas cortadoras com morfema-Q, apenas 2/9, no PST, e 2/3, no PE, envolvem o morfema *onde*; o facto de se terem contabilizado as ocorrências deste morfema não preposicionado em argumentos dos verbos *ir* e *voltar* como cortadoras não influenciou o valor total.

¹⁵ Uma vez que esta assimetria é observada apenas nas interrogativas de objeto (nas interrogativas de sujeito, testadas com os mesmos morfemas, não parece haver distinção entre ser *D-linked* ou não *D-linked*), Cerejeira (2009) assume que estão envolvidos fatores como a função sintática (objeto) e a ligação do morfema-Q ao discurso – *D-linked*.

Tabela 4. Distribuição das estratégias de *pied-piping* e cortadora por preposição envolvida.

	PST		PE	
	<i>Pied-piping</i>	Cortadora	<i>Pied-piping</i>	Cortadora
A_OI	64% (185/291)	36% (106/291)	94% (291/310)	6% (19/310)
A_OBL	43% (123/286)	57% (163/286)	92% (279/303)	8% (24/303)
Com	69% (194/283)	31% (89/283)	94% (285/302)	6% (17/302)
De	61% (182/296)	39% (114/296)	88% (271/309)	12% (38/309)
Em	66% (196/297)	34% (101/297)	93% (285/307)	7% (22/307)
Para	70% (202/291)	30% (89/291)	96% (297/308)	4% (11/308)

A análise da Tabela 4 permite verificar que, no PST, se destaca a preposição *a*, por ser aquela que, no conjunto das ocorrências de OI e de OBL, totaliza a maior percentagem de corte; a percentagem de corte das preposições *com*, *de*, *em* e *para* é equivalente. Porém, o facto de a preposição *a* ser única envolvida em dois tipos de argumento interno não justifica o facto de ser a maioritariamente cortada. No PE, a preposição *a* também está envolvida nos argumentos OI e OBL e o índice de corte está abaixo dos 10%; na verdade, no PE parece destacar-se a preposição *de*. Estes dados parecem mostrar novamente que, não obstante as duas variedades do português exibam a estratégia cortadora, as variáveis que determinam a sua ocorrência parecem não ser as mesmas (pelo menos, diretamente). Por um lado, estes dados vão ao encontro dos resultados obtidos noutros estudos sobre a produção da estratégia cortadora, no sentido em que são maioritariamente cortadas as preposições *a* e *de*. Porém, por outro, como explicar o maior número de corte da preposição *a* no PST e da preposição *de* no PE?

A escolha dos verbos usados na tarefa parece estar implicada nos resultados obtidos. Senão veja-se: os verbos *gostar* e *precisar* são verbos tipicamente associados à queda da preposição, mesmo no PE escrito (e.g. Peres & Mória 1995; Arim *et al.* 2005; Duarte 2011). Por outro lado, sabendo que o PST exibe uma tendência para a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos *i.e.*, alguns verbos tendem a subcategorizar um NP quando no PE subcategorizam um PP, e integrando os verbos usados na tarefa algumas das classes verbais mais afetadas, o mesmo condicionamento pode estar na base do maior número de cortadoras com a preposição *a* no PST. Por consequência, e no sentido de validar a hipótese 3, de acordo com a qual a ocorrência da estratégia cortadora no PST está relacionada com a tendência para a (di)transitivização direta nesta variedade, analisaremos em seguida a distribuição das estratégias de *pied-piping* e cortadora, por verbo, tendo em conta os resultados da tarefa de produção, estabelecendo um cruzamento com a distribuição da realização de PPs e de NPs com os mesmos verbos no *corpus*. Uma vez que no PE a existência da estratégia cortadora é independente desta variável, no ponto seguinte discutiremos apenas os dados do PST.

5.2.4 Resultados por verbo (PST)

A Tabela 5 ilustra a distribuição das estratégias de *pied-piping* e cortadora na tarefa de produção, bem como a produção de um PP ou de um NP no *corpus*, com os mesmos verbos. Embora o *corpus* não seja constituído por produções dos mesmos informantes que realizaram a tarefa de produção, os seus dados permitem-nos verificar qual a tendência para a natureza dos argumentos subcategorizados por estes verbos, *i.e.* PPs ou NPs.

Tabela 5. Distribuição da grelha argumental dos verbos na tarefa de produção e no *corpus*.

	Tarefa de produção		Corpus	
	<i>Pied-piping</i>	<i>Cortadora</i>	PP	NP
<i>Dar</i>	57% (85/149)	43% (64/149)	75% (56/75)	25% (19/75)
<i>Dizer</i>	69% (100/144)	31% (44/144)	50% (8/16)	50% (8/16)
<i>Assistir</i>	35% (51/146)	65% (95/146)	16% (5/31)	84% (26/31)
<i>Ir</i>	52% (72/146)	48% (67/146)	98% (434/441)	2% (7/441)
<i>Concordar</i>	59% (86/147)	41% (61/147)	100% (1/1)	0% (0/1)
<i>Falar</i>	79% (108/136)	21% (28/136)	97% (30/31)	3% (1/31)
<i>Gostar</i>	59% (84/143)	41% (59/143)	94% (289/307)	6% (18/307)
<i>Precisar</i>	65% (98/151)	35% (53/151)	61% (19/31)	39% (12/31)
<i>Pensar</i>	64% (93/146)	36% (53/146)	77% (24/31)	23% (7/31)
<i>Pôr</i>	68% (103/151)	32% (48/151)	99% (68/69)	1% (1/69)
<i>Contribuir</i>	65% (94/144)	35% (50/144)	100% (17/17)	0% (0/17)
<i>Voltar</i>	73% (108/148)	27% (40/148)	100% (25/25)	0% (0/25)

Tendo em consideração os resultados da tarefa de produção, verifica-se que as estratégias de *pied-piping* e cortadora ocorrem de forma transversal com os doze verbos; destaca-se apenas o verbo *assistir* por ser aquele com o qual o índice de ocorrência de cortadoras (65%) é superior ao de *pied-piping* (35%). Com os restantes verbos, a variação está, em média, ao mesmo nível, mas na ordem inversa (65% de *pied-piping* vs. 35% de cortadoras). No entanto, quando considerada a natureza dos argumentos realizados à direita do verbo, em declarativas sem movimento do constituinte, a mesma transversalidade não se verifica. Neste caso, parece ser possível distinguir dois grupos de verbos; por um lado, os verbos *ir*, *concordar*, *falar*, *gostar*, *pôr*, *contribuir* e *voltar*, por subcategorizarem (quase) unicamente um PP; e, por outro, os verbos *dar*, *dizer*, *assistir*, *precisar* e *pensar*, por exibirem variação entre a seleção de um PP e de um NP. O verbo *assistir* volta a destacar-se, de entre este grupo de verbos, por ser aquele com o qual o índice de ocorrência de NPs (84%) é superior ao de PPs (16%).

Da comparação dos dados exibidos na Tabela 5 (tarefa de produção vs. *corpus*) resulta uma observação fundamental: uma vez que alguns verbos do PST tendem a ser (di)transitivos (diretos), a comparação entre o PST e o PE a nível das estratégias de anteposição de constituintes não pode ser feita ao mesmo nível. Ao passo que no PE se trata efetivamente da anteposição de PPs e, por consequência, da existência da estratégia cortadora, no PST, muitos dos contextos classificados e analisados como evidência dessa estratégia, são, na prática, relativas de objeto, semelhantes às que ocorrem com verbos como *adorar* ou *ler* (cf. (11)).

(11)

- a. Este é o *gelado/livro* que as crianças adoram/leem.
- b. *O que* é que as crianças adoram/leem?

(12)

- a. Esta é a *professora* que os alunos deram um presente. (PST, Tarefa de produção)
- b. *O que* é que as pessoas assistiram? (*Ibidem*)

Curiosamente, não existem no *corpus* registos de relativas de objeto (preposicionado ou não preposicionado) com os verbos *dar*, *dizer* ou *assistir*; mas são atestadas relativas de objeto com os verbos *precisar*, *pensar*, bem como com os verbos *ir*, *concordar*, *falar*,¹⁶ e *gostar*.

(13)

- a. A nossa rádio não é aquela rádio [**que** ainda a população precisa], longe disso, mas acredito que nós demos um passo qualitativo.
- b. Nós todos estávamos congratulados, satisfeitos, contentes com um acontecimento [**que** era inédito], [**que** ninguém pensava].
- c. Santa catarina também é uma região ali do norte [**que** eu nunca fui].
- d. É um ponto [**que** a Bíblia não concorda].
- e. É uma coisa [**que** eu não gosto de falar].
- f. É uma história [**que** os aluno gostaram muitos], até hoje, essa história marcou.

(PST, *Corpus*)

O cruzamento dos dados apresentados na Tabela 5 permite-nos confirmar a nossa hipótese 4: a ocorrência de relativas sem objeto preposicionado no PST está relacionada com a variação e mudança registada nas grelhas argumentais dos verbos.

5.2.5 Resultados por registo oral e escrito (PST vs. PE)

A nossa última hipótese prende-se com a distinção entre modo oral e modo escrito. De acordo com a literatura sobre o PE, a estratégia cortadora é típica do oral espontâneo sendo aceite na escrita apenas marginalmente. A tabela seguinte apresenta a distribuição das estratégias de *pied-piping* e cortadora na tarefa de produção escrita e em *corpora* de fala espontânea nas duas variedades do português. Para o PE, considerar-se-ão os dados de Alexandre (2000), com base no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC). Os dados do PST são do *corpus* em estudo.

Tabela 6. Distribuição do complementador *que* e/ou de um morfema-Q (simples/complexo) em relativas e interrogativas.

	PST		PE	
	Produção Oral	Produção Escrita	Produção Oral	Produção Escrita
<i>Pied-piping</i>	17%	21%	60%	77%
Cortadora	83%	79%	35%	23%

A análise da Tabela 5 permite assinalar o seguinte: a) o PST exhibe predomínio da estratégia cortadora sobre a de *pied-piping* tanto na oralidade como na escrita; b) no PE, pelo contrário, a estratégia dominante é a de *pied-piping*, registando-se uma maior ocorrência de cortadoras na oralidade. Estes dados permitem confirmar a hipótese 4, mas apenas para o PE. Uma vez mais, não obstante a produção de construções-Q cortadoras, esta estratégia está dependente de variáveis distintas nas duas variedades do português. No caso do PST, a primazia da estratégia que envolve objetos não preposicionados, como vimos, está relacionada com a mudança nas grelhas argumentais dos verbos.

6. Discussão dos dados

Com a aplicação da tarefa de produção induzida a informantes do PST e do PE pretendíamos discutir os fatores envolvidos na produção das estratégias de *pied-piping* e cortadora nas variedades do português. Mostrámos que a Hipótese da Complexidade Derivacional parece permitir dar conta da maior produção de cortadoras em relativas e interrogativas, bem como da maior produção de *pied-piping* em construções de clivagem, nas duas variedades.¹⁷ Na verdade, o movimento de objetos para a periferia esquerda da frase em

¹⁶ Embora neste caso o verbo *falar* subcategorize um argumento introduzido pela preposição *de* e não *com*.

¹⁷ O facto de se registar um menor índice de cortadoras em clivadas básicas do que em relativas pode constituir argumento adicional à impossibilidade de analisar estas construções como estruturas relativas (e.g. Lobo 2006). Porém, remetemos a discussão deste aspeto para trabalho futuro.

relativas e interrogativas envolve uma operação mais custosa em termos derivacionais por estas envolverem o conhecimento dos morfemas-Q (e.g. Guasti & Cardinaletti 2003; Duarte 2011). Porém, contrariamente às nossas previsões, não se observa um maior índice de ocorrência de objetos preposicionados em pseudoclivadas invertidas de *é que* do que em clivadas básicas, não obstante aquelas serem estruturas menos complexas do que estas. Por outro lado, os dados parecem constituir evidência de que um quarto pressuposto deve ser acrescentado à métrica da complexidade derivacional de Jakubowicz (2004, 2005) e de Soares (2006). Como vimos, independentemente de ser efetuada a operação de *Merge* apenas uma vez e de ser movido apenas um constituinte em relativas e interrogativas, os resultados obtidos nestas duas estruturas são distintos. Neste aspeto, o desempenho dos dois grupos de informantes é diferente; não só os informantes do PST exibem um maior número de cortadoras em interrogativas do que os informantes do PE, como, enquanto aqueles tendem a produzir interrogativas não *D-linked*, estes optam (nas poucas ocorrências produzidas) por interrogativas *D-linked*. Neste sentido, a preferência dos falantes do PST pelas interrogativas com morfema-Q simples pode, também ela, constituir um mecanismo para a obtenção de uma derivação menos custosa. Veja-se que, noutros estudos sobre o movimento de objetos preposicionados em interrogativas, os sujeitos tendem a apresentar melhores desempenhos quando envolvidos objetos não *D-linked* (e.g. Cerejeira 2009). Assim, além do número de vezes que a operação de *Merge* é efetuada bem como do número de constituintes movidos, parece ser necessário considerar a tipologia do constituinte movido; quanto mais complexo for o constituinte a mover, maior será a complexidade da derivação. Neste caso, assume-se que *D-linked* é mais complexo do que não *D-linked*.

Além das questões associadas à complexidade derivacional, outros fatores parecem determinar o maior número de ocorrência de objetos não preposicionados no PST, comparativamente ao PE, designadamente a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos naquela variedade. Uma vez que alguns verbos testados tendem a subcategorizar essencialmente NPs, como atestam os dados do *corpus*, a ocorrência de objetos não preposicionados nesta variedade, e especificamente nesses contextos, não pode ser concebida como uma evidência da estratégia cortadora. Na verdade, em Alexandre, Gonçalves & Hagemseijer (2011) este tipo de ocorrências foi (cautelosamente) classificado como *pseudocortadoras*, reconhecendo que as mesmas não são equivalentes às que ocorrem no PE; na verdade, são cortadoras apenas na perspetiva da gramática do PE. Assim, consideramos que, em vez disso, tais ocorrências devem ser analisadas como relativas de objeto não preposicionado, semelhantes às que ocorrem com (outros) verbos transitivos, nomeadamente no PE.¹⁸

Por fim, os nossos dados fornecem evidência adicional à maior ocorrência de cortadoras no PE na oralidade do que na escrita. No caso do PST, a ocorrência de objetos não preposicionados é igualmente registada na oralidade e na escrita. Como vimos, tal está relacionado não só com a opção por uma estratégia menos custosa em termos derivacionais (opção por *Merge* em detrimento de *Move*), mas igualmente com a mudança nas grelhas argumentais dos verbos, no sentido da (di)transitivização direta.

7. Considerações finais

O conjunto de dados que apresentámos e discutimos neste trabalho permitiu contribuir para o estudo dos fatores envolvidos na produção das estratégias de *pied-piping* e cortadora em diferentes construções que envolvem o movimento de constituintes preposicionados para a periferia esquerda da frase, designadamente relativas, interrogativas, clivadas básicas e pseudoclivadas de *é que*.

Reconhecemos, porém, que a análise das estratégias de anteposição de PPs em construções-Q e de clivagem requer um maior aprofundamento, designadamente no que concerne à estrutura sintática das estruturas envolvidas, o qual remetemos para análise futura.

Referências

- Abalada, Silvana (2011). *Aquisição de Estruturas com Constituintes nas Periferias Esquerda e Direita da frase em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Alexandre, Nélia & Tjerk Hagemseijer. (2013). Estratégias de relativização no mundo luso-atlântico: crioulos de base lexical portuguesa e variedades do português. In Moura, D. Sibaldo, M. (eds). *Para a História do Português Brasileiro – Vol. III: Estudos Comparativos entre o Português Brasileiro e Línguas Crioulas de Base Lexical Portuguesa*, Tomo IV. Maceió: EDUFAL, pp. 49-71.

¹⁸ De acordo com Costa *et al.* (2014), as crianças parecem tratar de igual forma as relativas de objeto preposicionado e não preposicionado. Seria, pois, interessante testar a compreensão destas quatro estruturas sintáticas, com verbos que exibem a mesma grelha argumental no PST e no PE (transitivos diretos), bem como com verbos que no PST parecem estar a transitivizar, no sentido de comprovar em que medida esta variável determina (ou não) níveis de desempenho distintos.

- Alexandre, Nélia (2000). *A estratégia resumptiva em relativas restritivas do português europeu*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Alexandre, Nélia, Rita Gonçalves & Tjerk Hagemeijer. (2011). A formação de frases relativas de PP no português de Cabo Verde e de São Tomé. *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 17-34.
- Ambar, Manuela. (1992). *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri.
- Arim, Eva *et al.* (2005). Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses. In T. Freitas & A. Mendes (orgs.) *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.279-288.
- Bianchi, Valentina. (1999). On resumptive relatives and the theory of LF chains. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, 12-13. Pisa: Scuola Normale Superiore, pp. 79-99.
- Bianchi, Valentina. (2000). The Raising Analysis of Relative Clauses: A Reply to Borsley. *Linguistic Inquiry*. 31 (1), pp. 123-140.
- Brito, Ana Maria. (1995). As orações relativas restritivas nas variantes culta e oral em quatro línguas românicas, com incidência especial em português. In *Lusorama 27*. Frankfurt: Instituto Camões.
- Casteleiro, João Malaca. (1979). Sintaxe e semântica das construções enfáticas com *é que*. *Boletim de Filologia XXV*.
- Cerejeira, Joana (2009). *Aquisição de interrogativas de sujeito e de objecto em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, FCSH-UNL.
- Costa, João & Inês Duarte. (2001). Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Costa, João & Maria Lobo. (2009). Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não-standard. In *Anais do Congresso Internacional da Abralin - João Pessoa - 2009*. Universidade Federal do Paraná, v. 2, pp. 3800-3806.
- Costa, João, Nino Grillo & Maria Lobo. (2012). Minimality beyond lexical restrictions: Processing and acquisition of headed and free wh-dependencies in European Portuguese. *Revue Roumaine de Linguistique LVII* 2, pp. 143-160.
- Costa, João *et al.* (2014). The boy that the chef cooked: Acquisition of PP relatives in European Portuguese and Hebrew. *Lingua* 150, pp. 386-409.
- De Vicenzi, Marica (1991). *Syntactic Parsing Strategies in Italian: The Minimal Chain Principle*. Kluwer, Dordrecht, The Netherlands.
- Duarte, Inês. (2011). Modo oral e modo escrito, estruturas sintáticas de desenvolvimento tardio e escolarização. In A. Valente & M. T. Pereira (eds.). *Língua Portuguesa. Descrição e Ensino*. Rio de Janeiro: Parábola, pp. 15-30.
- Fontes, Eunice. (2008). *A produção de frases relativas restritivas no final do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Dissertação de Mestrado: FLUL.
- Friedmann, Naama, Adriana Belletti & Luigi Rizzi. (2009). Relativized relatives: Types of intervention in the acquisition of A-bar dependencies. *Lingua* 119, pp. 67-88.
- Gass, Susan & Alison Mackey. (2011). *Data elicitation for Second and Foreign Language Research*. New York: Routledge.
- Gonçalves, Rita. 2010. *Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Rita. 2013. Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé. In *Textos Seleccionados. XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri.
- Guasti, M. T. & A. Cardinaletti. (2003). Relative clause formation in romance child's production. *Probus* 15, pp.47-89.
- Guasti, Maria Teresa. (2002). *Language Acquisition. The growth of grammar*. Cambridge/Mass: MIT Press.
- Jakubowicz, Celia & Nelleke Strik (2008). Scope-marking Strategies in the Acquisition of Long Distance Wh-Questions in French and Dutch. In *Language and Speech* 51 (1&2).
- Jakubowicz, Celia. (2011). Measuring Derivational Complexity: New Evidence from Typically Developing and SLI Learners of L1 French. *Lingua* 121 (3).
- Jakubowicz, Celia. (2005). The Language Faculty: (Ab)normal Development and Interface Constraints. Comunicação apresentada no *GALA 2005 (Generative Approaches to Language Acquisition)*, Sienne, 8 a 10 de setembro.
- Jakubowicz, Celia. (2004). Is Movement costly? The Grammar and the Processor in Language Acquisition. Comunicação apresentada na *JEL'2004 (Journée d'Études Linguistiques)*, Nantes, 5 a 7 de maio.

- Kayne, Richard. (1994). The antisymmetry of Syntax. *Linguistic Inquiry*, Monograph Twenty Five, Mass: MIT Press.
- Klein, Elaine. (1991). (Mis)construing null prepositions in L2 intergrammars: a commentary and proposal. *Second Language Research* 17(1), pp. 37-70.
- Lobo, Maria. (2006). Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base. In *Textos Seleccionados. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.
- Lobo, Maria, Ana Lúcia Santos & Carla Soares (2012). Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 319-339.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Móia, Telmo. (1992). *A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português*. Dissertação de Mestrado, FLUL.
- Peres, João & Telmo Móia. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Pesetsky, David. (1987). Wh-in-Situ: Movement and Unselective Binding. In E. J. Reuland & A. Ter Meulen, (eds.). *The Representation of (In)definiteness*, MIT Press: Cambridge, Mass.
- Slavkov, Nikolay. (2011). Derivational Complex Effects in L2 Acquisition. In M. Pirvulescu *et al.* (eds.). *Selected Proceedings of the 4th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America* (GALANA 2010), Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, pp. 227-240.
- Soares, Carla. (2004). Computational complexity and the acquisition of the CP field in European Portuguese. In S. Blaho, L. Vicente & M. de Vos (eds). *Proceedings of Console XII*, pp. 125-140.
- Soares, Carla. (2006). *La syntax de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition*. Dissertação de Doutoramento, Univ. Paris 8.
- Valente, Pedro (2008). *Produção de frases relativas em alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado: FLUL.
- Vercauteren, Aleksandra. 2010. *Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do português europeu*. Dissertação de Mestrado: FCSH-UNL.